

## MARGINALIZAÇÃO FEMININA NA ERA VITORIANA REPRESENTADA NO ROMANCE *TESS*, DE THOMAS HARDY.<sup>1</sup>

Cybelle Leal Fabrício<sup>2</sup>  
Orientadora: Mariana Rissi Azevedo<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho aborda a repressão da mulher ocasionada na sociedade patriarcal, desde o início do movimento feminista até o feminismo literário e crítica literária feminista. A análise é voltada para a obra *Tess*, de Thomas Hardy de 1891, com enfoque na protagonista Tess, com o objetivo de analisar como a mulher era marginalizada por cometer o ato sexual antes do casamento, inserida no contexto histórico da Era Vitoriana na Inglaterra. Esta pesquisa tem como aporte teórico os críticos: Beauvoir (1980), que trata da igualdade entre os sexos, Alves e Pitanguy (1985), que trata do movimento feminista, Michel (1982), que reivindica os direitos das mulheres, e Woolf (2012), que trata do papel da mulher no meio literário, entre outros. Conclui-se no final desta pesquisa que Tess mostra características de uma mulher marginalizada em vários momentos do romance, colocando-se na posição de mulher submissa ao homem.

**Palavras-chave:** Feminismo, Marginalização feminina, *Tess*, Thomas Hardy

**Abstract:** The present work approaches the repression of woman caused in the patriarchal society, since the beginning of the feminist movement until the literary feminism and critical feminist. The analysis is focused on the work *Tess*, of Thomas Hardy 1891, with focus in the protagonist Tess, aiming to analyze as the woman was marginalized by committing the sexual act before the marriage, inserted in the historical context of the Victorian Era in England. This research has as theoretical contribution of the critics: Beauvoir (1980), who treats of the equality among the sexes, Alves and Pitanguy (1985), who treat of the feminist movement, Michel (1982), who demands the women's rights, and Woolf (2012), who treats of the woman's role in the literary way, among others. We conclude in the end of this research that Tess shows a marginalized woman's characteristics in several moments of the romance being put in the position of a submissive woman in relation to the man.

**Key-words:** Feminism, Feminism Marginalization, *Tess*, Thomas Hardy

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar sob a perspectiva feminista a personagem Tess do romance *Tess* de Thomas Hardy, escrito em 1891. A análise leva em consideração a condição da mulher do século XIX e o processo de marginalização da personagem Tess. O autor apresenta aspectos de como a protagonista é punida pela sociedade da época por seu passado “pecaminoso”.

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado para obtenção de nota parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras- Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM- IEAA

<sup>2</sup> Acadêmica finalista do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM- IEAA.

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, possui graduação em Letras Licenciatura: Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela UNIFAIMI- especialização em estudos avançados em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista e Mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista.

Este romance conta a história da jovem Tess, uma bela camponesa, que mora na Aldeia de Marlott, que sofre consequências ao descobrir que sua família é descendente de uma antiga família de linhagem nobre, os D'Urbervilles. Ao se aproximar da falsa família, é, aparentemente, violentada por Alec D'Urberville, seu suposto primo, e por conta disso, torna-se mãe solteira quando jovem e é marginalizada pelos que a cercam por ter se entregado aos prazeres do sexo antes do matrimônio. Seu filhinho “Tormento” (na versão original em Língua Inglesa, “Sorrow” que significa tristeza), é a evidência do pecado de Tess, no entanto o bebê falece poucos meses após nascer, e, apesar de todo sofrimento e angústia, Tess tenta viver uma nova vida e apagar seu passado.

O processo de marginalização da personagem principal é marcado pelo machismo da sociedade patriarcal da Era Vitoriana que garante o direito ao homem de ter relações sexuais antes do matrimônio, mas que condena e pune severamente a mulher que o fizer. O advento do feminismo traz conquistas às mulheres ao longo da história, desde Mary Wollstonecraft (1759-1797), que reivindica o direito à educação e ao voto.

O feminismo surge para propor a independência feminina em várias esferas e assegurar sua liberdade sexual, mas para que a mulher se tornasse independente e livre, a luta foi intensa através de protestos e reivindicações de seus direitos. Direitos estes que foram concedidos por meio de política e que teoricamente puseram fim à submissão feminina, dando espaço na sociedade para a realização da independência moral e intelectual das mulheres.

Para demonstrar de que forma ocorre o processo de marginalização da protagonista Tess, é importante descrever o comportamento feminino dentro do contexto do século XIX na Inglaterra, e contrastar ao comportamento de Tess denunciando os fatores e elementos que contribuíram para a destruição da personagem ao longo do romance. Para realizar esta pesquisa, foi utilizada como ferramenta a crítica literária feminista por tratar de questões femininas. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico, que contempla teóricos tais como: Virginia Woolf (2012) que trata da questão sobre o trabalho da mulher escritora, Simone de Beauvoir (1980), que traça a relação entre os sexos, demonstrando de que forma a mulher é considerada o Outro, Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1985), que tratam do movimento feminista: a situação da mulher na sociedade e o movimento sufragista, entre outros teóricos, que permitiram compor um referencial teórico para corroborar a temática apresentada.

Para melhor entender as condições impostas às mulheres no período da Era Vitoriana, foi feita uma contextualização histórica no capítulo a seguir demonstrando de que forma as repressões femininas ocorriam naquela época.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ERA VITORIANA

A Era Vitoriana (1837 a 1901) abrange o período em que a rainha Vitória esteve no poder e marcou a história da Inglaterra no século XIX. A Inglaterra destacou-se como a nação mais industrializada do mundo, e dominou um grande império marítimo e colonial na Ásia e África, exportando produtos industrializados para países da América Latina, inclusive o Brasil. Foi um período caracterizado por transformações sócio econômicas, revoluções sociais e políticas, invenção e expansão das formas culturais.

Com a culminância da Revolução Industrial, surgem novas transformações industriais, uma época de grandes progressos caracterizada pelas invenções, máquinas avançadas, fábricas e atividades profissionais, que possibilitaram o industrialismo moderno. Os benefícios tornaram a vida mais confortável, mas por outro lado, trouxeram angústias e incertezas sobre melhores condições de salários, educação para os filhos e uma vida digna diante das mudanças rápidas. Como afirma Anthony Burgess:

A época vitoriana tinha um grande número de problemas a enfrentar. Sob vários aspectos, foi uma época de progresso-construção de estradas de ferros, navios a vapor, reformas de todos os tipos-, mas foi também uma época de dúvida. Havia pobreza demais, injustiça demais, feiúra demais e muito pouca certeza sobre a fé ou a moral- tornou-se assim uma época de cruzados, reformadores e teóricos. (BURGESS, 2002, p. 215).

Desta forma, essas transformações do século XIX foram vivenciadas na sociedade burguesa como acontecimentos importantes, mas o avanço industrial implicou negativamente nas classes dos proletariados, pois nessa época houve também muitas dificuldades. A sociedade inglesa era marcada pelo conservadorismo e proibições severas, e os puritanos chocavam-se facilmente diante de assuntos como o sexo, considerado imoral. Conforme vemos:

Foi uma época de moralidade convencional, de grandes famílias em que o pai era uma espécie de chefe divino, e a mãe, uma criatura submissa como a Eva de Milton. A moralidade rígida, o caráter sagrado da vida em família eram devidos em grande parte ao exemplo da própria rainha Vitória, e sua influência indireta sobre a literatura, assim como sobre a vida social, foi considerável. (BURGESS, 2002, p. 215).

Ao longo do século, o papel da mulher era ser submissa, passiva, obediente e escrava, dedicar-se somente ao trabalho doméstico e à educação de seus filhos. As mulheres que ousavam quebrar estes padrões perante a sociedade enfrentavam os preconceitos e não podiam reivindicar e lutar pelos seus direitos.

Segundo Zolin (2003a), na Era Vitoriana (1832-1901), na Inglaterra, as mulheres eram discriminadas e consideradas inferiores intelectualmente. A mulher que tentasse usar sua inteligência para outros fins era apontada como violadora da ordem natural das coisas e da religião.

O reinado da Rainha Vitória ficou bastante conhecido pela rígida repressão das práticas sexuais, uma época moralista, acompanhada de intensa valorização da vida familiar. Os homens eram os representantes das famílias patriarcais e a sexualidade feminina era controlada por eles. Havia normas e regras severas, pois a mulher era obrigada a se casar preservando a castidade, ter relações sexuais fora ou antes do casamento e ter filhos ilegítimos eram transgressões inaceitáveis.

Diante disso, notamos que o destino da mulher estava sempre ligado à família, à casa, aos deveres domésticos e ao dever de ser mãe, sem muitas oportunidades de desenvolver sua vida profissional e intelectual. Com a exclusão do mercado de trabalho, muitas vezes as mulheres possuíam apenas duas opções: serem donas de casa ou prostitutas, e mesmo que escolhessem o matrimônio, não estavam salvas de serem objetos sexuais de seus maridos.

Partindo dessas questões, após anos de lutas pelos seus direitos e por oportunidades de trabalho, as mulheres alcançaram inúmeras vitórias e para melhor demonstrar de que forma conquistaram seus direitos durante a história, será feito um breve panorama sobre o movimento feminista.

### **3. O MOVIMENTO FEMINISTA**

A passagem do século XIX para o XX ficou marcada pelo surgimento do movimento feminista, e depois de um longo tempo de discriminação e de falta de reconhecimento social, as mulheres ganharam voz no mundo inteiro na luta pelos seus direitos.

O movimento feminista dar-se-ia não apenas como um movimento ordenado, mas como libertação da mulher, partindo de todas as esferas, seja na vida privada, doméstica, sexual, no trabalho, na educação e na política.

Com o surgimento do movimento feminista, alguns padrões foram quebrados e as mulheres começaram a ganhar espaço na sociedade, tendo seus valores e seus direitos parcialmente adquiridos. Para Michel (1802-1866) a reivindicação dos “direitos políticos e econômicos para as mulheres baseavam-se no postulado de que esses direitos eram obtidos, em primeira instância pela luta dos trabalhadores por uma sociedade socialista” (MICHEL, 1982, p. 61). Surge na França a Revolução entre 1789 e 1799, e o movimento feminista demonstra a

insatisfação das mulheres frente à privação de direitos, iniciando a luta pela independência conjugal. Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy observam que:

As mulheres revolucionárias francesas dirigem-se à Assembléia, peticionando a revogação de instituição legais que submetem o sexo feminino ao domínio masculino. Reivindicam, assim, a mudança da legislação sobre o casamento que, outorgando ao marido direitos absolutos sobre o corpo e os bens de sua mulher, aparece-lhes como uma forma de despotismo incompatível com os princípios gerais da Revolução Francesa. (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 32)

Mary Wollstonecraft (1759 - 1797) propõe que os direitos concedidos a todos os homens ao que se refere à educação e ao voto fossem estendidos a todas as mulheres, para que essas deixassem de ser apenas meretrizes de seus maridos e pudessem se tornar criaturas reflexivas capazes de ensinar princípios a seus filhos. (WOLLSTONECRAFT, 1996)

O século XIX foi caracterizado por várias reivindicações e transformações no âmbito político, social e econômico, pela busca de direitos iguais entre homens e mulheres, seja na vida política ou na civil. Através de movimentos feministas, a luta pelo direito ao sufrágio se travou por quase um século. Alves e Pitanguy relatam que:

Esta foi uma luta específica, que abrangeu mulheres de todas as classes. Foi uma luta longa, demandando enorme capacidade de organização e uma infinita paciência. Prolongou-se, nos Estados Unidos e na Inglaterra, por 7 décadas. No Brasil, por 40 anos, a contar da Constituinte de 1891 (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 44).

O sufrágio feminino era um movimento social, político e econômico de reforma, e teve o objetivo de estender o direito de voto às mulheres. Desde então, as mulheres tiveram várias conquistas com essa luta, como o direito à propriedade, à educação, ao trabalho e ao governo democrático. O direito ao voto foi concedido em diferentes épocas ao redor do mundo: Rússia em 1917, Alemanha em 1918, Estados Unidos em 1919, Reino Unido em 1928, Brasil em 1932, e França, Itália e Japão em 1945.

Jeanne Deroin (1805-1894) e Flora Tristan (1803-1844) destacaram-se como líderes operárias por defenderem os interesses e os direitos das mulheres na classe dos operários, tendo em vista, “a necessidade de que a mulher se educasse e se organizasse para defender seus interesses, procurando fazer com que as organizações operárias masculinas compreendessem que estes eram comuns a toda a classe trabalhadora”. (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 39)

As conquistas femininas não cessaram e embora a mulher tivesse conquistado o direito ao voto, ainda haviam muitas injustiças a serem resolvidas. No capítulo a seguir observaremos

de que forma a mulher conquistou seu espaço como escritora e quais outras aquisições lhe foi garantida após a luta feminista.

#### 4. FEMINISMO LITERÁRIO E CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

Zolin (2003a) relata que a inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), escreve em 1792, uma de suas obras de grande relevância para a literatura feminista “*A Vindication of the Rights of a Woman*” (*Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*). Wollstonecraft estende as reivindicações dos ideais da Revolução Francesa para as mulheres e defende nesta obra uma educação mais sólida para elas baseada nos argumentos de que a mulher vinha sofrendo danos econômico e psicológico devido à exclusão social e dependência do homem. Dessa forma, sugere que a mulher é capaz de aproveitar seu potencial humano e reivindicar seus direitos merecidos.

No ramo da literatura, a escrita literária publicada foi quase sempre exclusiva e dedicada ao homem, pois a sociedade patriarcal machista não dava oportunidade para a mulher desenvolver suas qualidades e funções. No entanto, o feminismo reivindicou espaço e ao longo dos anos, após muitas lutas, a mulher foi conquistando o direito de ser notada no meio literário, e, com isso, passa a desempenhar a função de escritora e também de crítica literária. É o que corrobora Lúcia Osana Zolin:

O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo. (ZOLIN, 2003b, p. 254).

Diante disso, a crítica literária foi crescendo e as escritas de autoria feminina foram sendo descobertas, pois muitas mulheres já escreviam, mas com pseudônimos masculinos, pois a profissão literária era somente destinada aos homens. Zolin (2003a, p.165) mostra o exemplo de “George Eliot, pseudônimo da inglesa Mary Ann Evans, autora de *The Mill on the Floss* e de *Middlemarch*; e de George Sand, pseudônimo da francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, autora de *Valentine*”.

Segundo Showalter (1941 *apud* ZOLIN, 2003b), ensaísta e norte-americana, o feminismo literário divide-se em 3 fases, que são: feminina, a feminista e a fêmea (ou mulher). A primeira apresenta como característica principal a imitação e a internalização dos padrões

dominantes, a segunda visa à revolta e o protesto contra tais padrões e valores da sociedade e a terceira é marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade própria:

[...] a literatura inglesa produzida no período entre 1840 e 1880 de *feminina*, por caracterizar-se pela repetição dos padrões culturais dominantes, ou seja, pela imitação do modelo patriarcal, caso do romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, publicado em 1847; a fase *feminista* da literatura inglesa vai de 1880 a 1920 e é marcada pelo protesto e pela ruptura em relação a esse modelo; os romances de Virgínia Woolf. *Mrs Dalloway* (1925) e *To the Lighthouse* (1927), podem ser citados como exemplo; a fase *fêmea*, marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade, inicia-se ainda na década de 1920 e estende-se até os dias atuais, sendo que apresenta um novo estágio de autoconsciência na década de 1960, caso de *The Bloody Chamber* (1979), de Angela Carter. (ZOLIN, 2003b, p. 256)

Virgínia Woolf (1882-1941), autora e ensaísta inglesa, é considerada a precursora da crítica feminista, segundo Zolin (2003a). A autora explica que a ensaísta rompeu com o formalismo da tradicional ficção da Era Vitoriana, e introduziu em sua narrativa o monólogo interior e o fluxo da consciência. Dessa forma, despertou um novo olhar direcionado ao tema “mulher e literatura”, antes marcado por preconceitos e discriminações.

Em sua obra “*A Room of One’s Own*”, traduzido para o português como “*Um teto todo seu*”, publicado pela primeira vez em 1929, Woolf “aborda o modo como as circunstâncias atuam sobre o trabalho da mulher escritora e questões relativas à sua sujeição intelectual” (ZOLIN, 2003a, p. 166). Woolf também questiona “que para escrever ficção ou poesia de qualidade a mulher necessita “de um teto todo seu” em que possa trabalhar em paz e de uma renda anual capaz de lhe garantir independência”. (ZOLIN, 2003a, p. 166). Partindo disso, a ensaísta discute as possibilidades e as condições de vida das mulheres de se tornarem escritoras numa sociedade governada pelo patriarcalismo, notável pela disparidade entre os sexos.

Diante dessas constatações, Virgínia Woolf destaca-se na escrita literária, e torna-se conhecida como uma das mais proeminentes figuras da crítica feminista. Woolf descreve a experiência com a escrita feminina:

Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres- menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muitos anos atrás- por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot-; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando meus passos. Então, quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho. (WOOLF, 2012, p. 10)

A escritora invadiu o campo literário que, apesar de ser dominado pelos homens, não deixou de ser exercido pelas mulheres, no entanto, não foi fácil ocuparem um espaço no meio literário.

Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora francesa, teve a oportunidade de ter um teto todo seu para discutir em *Le deuxième sexe* (1949), traduzido e publicado em português (*O Segundo Sexo*) em 1980, e abordar a situação feminina diante da sociedade. A obra é dividida em dois volumes, o primeiro “Fatos e Mitos”, descreve a condição feminina, o segundo “A experiência vivida” trata da mulher no âmbito sexual, psicológico, social e político.

Beauvoir (1980b) estabelece a existência da reputação viril, e investiga meticulosamente a direção tradicional da mulher, as situações e formações de sua condição feminina na restrita sociedade que está incluída e as fugas que são permitidas. Diante dessa visão, Beauvoir faz com que a sociedade olhe para a mulher com direitos iguais em relação ao homem, discute o movimento feminista e esclarece questões como o sexismo, pois muitas vezes a mulher era privada de certas funções só por ser mulher.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto, intermediário entre macho e castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1980b, p. 9).

Conforme Zolin (2003a), o feminismo existencialista de Beauvoir proporciona um estudo da opressão das mulheres, e também recomenda meios de libertá-las dessa tirania. Zolin (2003a, p.168) explica que Beauvoir analisa a problemática feminina, visto que não há definitivamente uma essência feminina, responsável pela marginalidade da mulher; “existe apenas o que ela chama de situação da mulher: o fato de a mulher dar à luz é tomado como matriz das diferenças entre os sexos”.

Beauvoir evidencia que a mulher não é vista como um ser “completo”, diferentemente do homem, que quase sempre é visto como um ser pensante, autêntico e independente. A mulher é um apêndice, um complemento sexual, que serve como ser sexuado. A mulher diferencia-se em relação ao homem e não o homem em relação a mulher. Neste caso, a “fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. (BEAUVOIR, 1980a, p.10)

Com relação à sexualidade, Beauvoir (1980b, p.109) explica a diferença entre o homem e a mulher, “tanto do ponto de vista biológico, social e do psicológico. Para o homem, a passagem da sexualidade infantil à maturidade é relativamente simples”, ao contrário da

mulher que era tirada de seu universo infantil e obrigada na sua vida, ser esposa, passando de moça a mulher, sendo submissa à ordem masculina.

Em 1963 a ativista feminista Betty Friedan (1921-2006), escreve uma de suas obras de grande polêmica *The Feminine Mystique (A mística feminina)*, abordando como a mulher é discriminada e submissa apenas ao papel de esposa e mãe, consequência de um sistema determinado por falsos valores. (FRIEDAN, 2010)

Kate Millet (1934) apresenta como tese de doutorado nos Estados Unidos a obra *Sexual Politics (A Política Sexual)*, publicada pela primeira vez em 1970, na qual questiona sobre a política patriarcal. A partir dessa obra, Millet constata que a experiência feminina foi diferenciada da masculina, tanto como leitora quanto escritora, e com isso provocou mudanças relevantes no campo intelectual, novas descobertas e quebra de paradigmas. (ZOLIN, 2003a, p.161)

Alves e Pitanguy (1985, p.53) explicam que Millet “propõe-se a fazer uma análise política das relações de sexo. Aborda, neste sentido, aspectos ideológicos, biológicos, sociológicos, econômicos, antropológicos, e psicológicos da condição da mulher no patriarcalismo”.

Millet (1934) discute nas obras literárias a respeito do estereótipo feminino, nas quais os escritores masculinos mostram uma visão de conceitos negativos sobre o papel da mulher. Assim, as personagens femininas são deixadas de lado e esquecidas.

[...] as(os) crítica(os) feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. (MILLET, 1934 *apud* ZOLIN, 2003a, p. 170)

De fato, esses estereótipos estão presentes não somente na literatura de autoria masculina, mas também nas obras de autoria feminina, pois as primeiras escritas feministas eram marcadas pelo olhar patriarcal e acabavam imitando o padrão masculino. Assim, aos poucos é que as mulheres conseguiram escrever sem essas normas patriarcais. No entanto, é através das obras literárias de escrita feminina que surge a quebra destes mesmos estereótipos em relação a mulher. Conforme Bonnici (2007, p. 80) “estereótipos são conceitos, opiniões e crenças convencionais, geralmente muito simplificadas, que supostamente tipificam e se conformam a um modelo invariável e carente de qualquer individualidade”.

Thomas Hardy (1840-1928) traz à tona a personificação deste estereótipo feminino quando cria a personagem Tess, da obra *Tess*, e faz o levantamento da discussão acerca do

modelo de comportamento feminino, criticando a discriminação contra a mulher. A protagonista foi analisada de forma mais profunda neste trabalho a fim de demonstrar a marginalização que sofre na sociedade de sua época.

## 5. THOMAS HARDY E SUA OBRA *TESS*

Nascido no dia 02 de junho de 1840, na cidade de Dorset, num vilarejo chamado Upper Bockhamptom, na Inglaterra, Thomas Hardy, filho mais velho de um construtor civil importante, herdou do pai o seu amor pelos livros. Hardy foi um poeta inglês, arquiteto, romancista e conhecido pela literatura vitoriana marcada pelo pessimismo e tragédia.

Hardy abandonou a arquitetura e começou a escrever; sua primeira publicação foi o romance *Remédios Desesperados* (1871). O autor escreveu diversos romances, tais como: *Longe da multidão enlouquecida* (1871), *O retorno do nativo* (1878), *O prefeito de Casterbridge* (1886). Também escreveu contos que destacaram-se: *Contos de Wessex* (1888), *Pequenas ironias da vida* (1894), *Um grupo de Nobre Damas* (1891), *Um Homem Mudado e Outros Contos* (1913). Publicou *Poemas de Wessex e outros versos* (1898). Destacou-se na literatura inglesa quando publicou seus últimos romances, *Tess* (1891), *Judas*, e *O Obscuro* (1896). Hardy recebeu várias críticas de revisores puritanos na época de suas publicações, foi acusado de corromper a moral e agredir a instituição do casamento. Desapontado com as críticas, anunciou que não mais escreveria romances, e voltou-se para a poesia.

Em 1874, Hardy casou-se com Emma Gifford, que faleceu inesperadamente em 1912. Dois anos depois, casou-se com Florence Dugdale; continuou a escrever poesias e morreu em 1928 com 87 anos de idade.

O romance *Tess of the D'Urbervilles* (1891) (título original), também foi publicado com o subtítulo "*A pure woman*", mas este outro título foi mal interpretado. Hardy descreve a protagonista Tess como "uma mulher pura", no entanto, nos mostra o perfil de uma mulher que quebra os padrões morais no final do século XIX e que ainda comete homicídio. O autor também desafia a sociedade vitoriana, uma época cheia de conservadorismo e patriarcalismo, com seus valores tradicionais e cristãos, e por conta disso, sua obra foi vista como imoral na visão da sociedade.

*Tess*, eleito aqui como foco de análise, divide-se em 7 fases, e cada uma delas remete à trajetória e à decadência da protagonista, intituladas na seguinte ordem: "A donzela", "Não mais donzela", "A volta à vida", "A consequência", "A mulher paga", "O convertido" e "Consumação".

## 6. ANÁLISE DA OBRA *TESS*, DE THOMAS HARDY

### 6.1 Enredo

A obra *Tess* de Thomas Hardy nos revela a história de Tess, uma jovem camponesa, que vive na pequena aldeia de Marlott, condado de Wessex, zona rural da Inglaterra, cujo pai John Durbeyfield fica deslumbrado quando descobre através do sacerdote Tringham que era descendente de uma antiga família de linhagem nobre, os D'Urbervilles.

Diante disso, John Durbeyfield fascina-se com esta informação e tenta a todo custo recuperar seu nome, numa irracional busca por elevação social. Sua filha mais velha, Tess, era seu maior alvo, que, por interesse da mãe, Joan Durbeyfield, manda a filha reclamar parentesco, partindo de Marlott para Trantridge, onde mora uma rica família com o sobrenome de D'Urberville.

Com intenções econômicas, os pais de Tess acham que a filha se casará com um parente rico e melhorará a vida financeiramente através dos D'Urbervilles. Porém, o marido da Sra. D'Urberville, mudou de sobrenome depois que se aposentou, quando na verdade era o comerciante Sr. Simon Stokes, e a família de Tess não tinha nenhuma ligação com os D'Urbervilles.

Com a partida de Tess para a mansão em Trantridge surgem vários transtornos em sua vida, de início Tess conhece o único filho e representante da família, o Sr. Alec D'Urbervilles, seu suposto primo, um jovem ardiloso e galanteador, que fica encantado com a beleza da jovem e usa todos os seus meios de sedução. Tess passa vários meses trabalhando na propriedade D'Urbervilles e Alec passa a ser um estorvo em sua vida, enquanto tenta resistir às tentações do jovem rapaz.

No entanto, Alec alcança seu intento, e mantém relações sexuais com Tess deixando a jovem assustada. Ela foge e retorna para a casa de seus pais já grávida de Alec. Tess dá à luz ao seu filho Sorrow (tristeza), que morre logo depois de uns meses. Ela passa a ter uma vida miserável e decide procurar emprego longe de Marlott.

Tess deixa a casa dos pais em busca de trabalho em outros vilarejos e começa a trabalhar na queijaria Talbothays, onde passa por um momento de tranquilidade e felicidade. Faz novas amizades e conhece Angel Clare, um jovem de uma família sacerdotal, ambos ficam muito próximos, os sentimentos vão surgindo e logo se apaixonam. Com o tempo, Angel lhe

propõe casamento, mas o seu passado a atormenta, porém, acaba cedendo aos encantos do rapaz.

Eles se casam, e na noite de núpcias decidem confessar um ao outro o seu passado, Angel assume que já havia tido relações sexuais antes do matrimônio, Tess o perdoa e quando confessa que se envolveu com Alec e teve um filho, ele não a perdoa. No entanto, o jovem de modos clérigos fica perdido e decide abandonar sua esposa partindo para o Brasil. Repelida pelo marido e condenada pela sociedade, Tess vai em busca de seu próprio sustento, esperando que um dia Angel a perdoe e volte.

Arruinada, sem marido, e passando por muitas dificuldades, Tess vê reaparecer Alec, e não resiste à obstinação dele em possuí-la, pois sua família passava por dificuldades e isso a leva a ceder ao desejo de Alec que oferece ajuda para tirar sua família da miséria. Por fim, Angel decide perdoar sua esposa, e quando retorna para a Inglaterra, um ano depois, encontra Tess com Alec.

Tess fica surpresa com a volta do marido que pede que o perdoe. Logo em seguida, Tess mata Alec, pois acreditava ter sido mais uma vez iludida por este que a fez acreditar que seu marido jamais retornaria, e foge com Angel, para posteriormente ser presa e condenada à morte. Com base no enredo, iremos analisar como a personagem feminina Tess é marginalizada pelos padrões de comportamento impostos pela sociedade da época.

## **7. TESS: MARGINALIZAÇÃO NA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX**

A personagem Tess Durbeyfield, figura central desse trabalho, é uma jovem ingênua e de beleza singular. No romance, em sua primeira aparição, Tess participava com as outras meninas do Baile Primeiro de Maio em que chamavam a “passeata do clube”, era costume na época as mulheres marcharem em cortejo e dançarem, algo exclusivo à irmandade feminina. As mulheres e moças vestiam vestidos brancos, levavam nas mãos varinhas de salgueiro e ramalhetes de flores. Tess era uma das moças que se destacava pela sua aparência, demonstrava, contudo, inocência e um olhar conservador:

Era uma jovem formosa, delicada de traços - não mais formosa que algumas das demais, provavelmente - mas dona de uma boca móvel de Peônia e de uns olhos grandes e ingênuos que davam mais eloquência à sua cor e forma. Levava nos cabelos uma fita vermelha e era a única do branco cortejo que podia orgulhar-se de tão vistoso adorno. (HARDY, 1981, p. 23).

Dentre todos os filhos, Tess foi escolhida pelos pais, John e Joan Duberyfield, para reclamar parentesco com os D'Urbervilles. Pois, ela faz o que lhe é mandado, mas devido às circunstâncias ocorridas, e as dificuldades, viu-se obrigada a abandonar sua família em busca de melhores condições de vida e aceitar o projeto de seus pais.

Assim, Tess vai trabalhar na mansão da nova família, que na verdade eram os Stokes, a moça foi tentar a sorte na granja de galinhas, a partir daí sua vida mostrou-se cercada de desafios e obstáculos, porém, sua vontade de ajudar no sustento da família fez com que ela permanecesse no trabalho. Devido à sua beleza encantadora, passa a ser perseguida e assediada pelo seu “suposto” primo. A partir de então, o destino da bela jovem sofre de forma cruel a violação por parte de Alec D'Urberville, sobre sua virgindade.

Tudo o mais era pura treva. D'Urberville parou e ouviu um respiro suave e regular. Ajoelhou-se e inclinou-se para mais baixo, até que seu hálito aqueceu a face dela, e num momento, seu rosto estava em contacto com o de Tess. Ela dormia profundamente e, em suas pálpebras, demoravam lágrimas. (HARDY, 1981, p. 91)

Segundo Beauvoir (1980b, p. 121) “Não é raro que a primeira experiência da jovem seja uma verdadeira violação e que o homem se mostre odiosamente brutal; assim no campo, onde os costumes são rudes, acontece muitas vezes que a camponesa, em parte se consentindo e em parte se revoltando, perca a virgindade à beira de uma valeta em meio à vergonha e ao terror”. A partir daí, surge um transtorno em sua cabeça, que a leva a um abismo social.

Tess torna-se uma ameaça à moral da sociedade vitoriana, pois as mulheres nessa época tinham que parecer puras e virginais. Segundo Beauvoir (1980b, p. 118) “A virgindade é tão valorizada em muitos meios que perdê-la fora do casamento legítimo parece um verdadeiro desastre. A jovem que cede por fraqueza ou surpresa pensa que se acha desonrada”. Na Era Vitoriana as mulheres eram preparadas para o casamento e perder a virgindade antes era viver e sofrer todos os preconceitos de uma sociedade patriarcal.

Diante de tal acontecimento Tess se vê obrigada a voltar para casa dos seus pais. A mãe, muito ambiciosa, na esperança de arrumar um pretendente rico e um casamento vantajoso para a filha, tinha certeza que ela casar-se-ia e tornar-se-ia uma dama e ser como eram seus antepassados. Podemos perceber que a jovem é marginalizada pela própria mãe:

Vieste p'ra casa porque vais casar?  
 - Não vim para casa por isso, mãe.  
 - Para umas férias, então?  
 - Sim...para umas férias; para umas compridas férias- disse Tess.  
 - O quê? Teu primo então não vai fazer a coisa magnífica?  
 - Ele não é meu primo, e não vai casar-se comigo.

Sua mãe olhou-a detidamente.  
 -Anda, não me contaste tudo disse ela.  
 Então, Tess aproximou-se da mãe, pôs o rosto no pescoço de Joan e contou.  
 (HARDY,1981, p. 101)

Percebe-se que ao retornar para casa grávida de Alec D'Urberville sem conseguir o casamento passa a ser motivo de desgosto e vergonha para a mãe. Contraditoriamente, a moral vitoriana não atinge essa família de classe baixa e vulgar, pois a decepção dos pais da jovem não era pelo fato de ter perdido a “pureza”, mas por não obter um casamento rico. E assim, as pessoas começam a falar sobre seu regresso da casa senhorial de seus parentes ilegítimos, e faziam rumores por toda parte. Segundo Beauvoir (1980b, p. 171) “A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado handicap.”<sup>4</sup>

Desse modo, a mãe-menina começa a sofrer consequências sobre seu ato, após sua pena rigorosa, decide trabalhar na colheita. Porém, Tess era uma das mulheres que no intervalo do trabalho tinha que amamentar seu filho ali mesmo:

Logo que havia preparado a merenda, chamou a menina grande que era sua irmã e tomou-lhe a criança, e ela, satisfeita por se ver livre do peso, foi-se para o outro monte e lá se juntou às outras crianças que brincavam. Tess, com um movimento estranhamente furtivo, embora corajoso, e com um rubor ainda maior, desabotoou o vestido e pôs a criança a amamentar. (HARDY,1981, p. 110)

Diante da realidade que se apresenta, a camponesa fica constrangida perante as pessoas, pois era alvo de preconceito por todo o vilarejo de Marlott. Com o fato, a jovem torna-se uma irregularidade perante a sociedade e é perseguida cruelmente pelos padrões da sociedade da época e pela moral cristã.

A ofensa cometida pela criança contra a sociedade, ao vir ao mundo, foi esquecida pela mãe-menina; o desejo de sua alma era continuar essa ofensa preservando a vida da criança. Cedo, porém, ficou claro que a hora da emancipação daquele pequeno prisioneiro da carne estava para chegar mais cedo do que havia conjecturado, nas suas piores apreensões. E, tendo descoberto isso, mergulhou numa miséria que ultrapassava a da pura perda da criança. Seu filhinho não tinha sido batizado. (HARDY,1981, p. 114)

Entretanto, Tess é punida e impossibilitada perante a igreja de batizar seu filho por ser de um relacionamento ilegítimo, a mãe solteira tenta lutar com todas as forças para tornar seu filho cristão, pois, ao ser recusada pelo padre, a mesma faz a celebração do batizado em casa.

---

<sup>4</sup> Deficiência, desvantagem

Vemos que Tess é vítima em todas as circunstâncias de sua vida, pois é julgada diante das convenções sociais da época, através de sua própria família, no trabalho, na igreja, toda a sociedade vitoriana se une para apontá-la como uma pecadora imperdoável e nunca para ajudá-la. Segundo Beauvoir (1980b, p. 125), “Um filho ilegítimo é, um tal de *handicap* social e econômico para a mulher não casada, que há jovens que se suicidam em se sabendo grávidas, e mães solteiras que esganam o recém-nascido; semelhante risco constitui um freio sexual bastante forte para que muitas jovens observem a castidade pré-nupcial exigida pelos costumes”.

Na narrativa, podemos notar claramente os padrões impostos sobre a castidade feminina da época, principalmente sobre a virgindade, pois as mulheres não podiam se “desviar” antes do casamento. No entanto, caso isso viesse acontecer, essas mulheres eram duramente condenadas pela sociedade. Diante de tal fato, a jovem Tess culpava-se pelo seu ato e perguntava a si mesma:

Era realmente verdadeiro, a respeito da castidade, que esta, uma vez perdida, estava perdida para sempre? – perguntava a si mesma. Poderia provar que era falso, se fosse capaz de encobrir o passado. O poder de recuperação que impregnava a natureza orgânica certamente não era negado apenas à virgindade (HARDY, 1981, p. 122).

Podemos notar que a falsa moralidade e o peso do patriarcalismo está presente no personagem Alec D’Urberville que não foi julgado pela sociedade vitoriana por travar relações sexuais com a jovem Tess, pois a castidade era obrigatória apenas para as mulheres na época.

A protagonista é marginalizada várias vezes no decorrer da trama, sofre injustiças na sociedade do século XIX cometidas contra as mulheres da época. Tess Durbeyfield, não mais uma menina-moça, mas uma jovem mulher de 20 anos, volta à vida e tenta reconstruí-la de algum modo, saindo do seu lar pela segunda vez. Chega ao seu destino, a queijaria de Talbothays, onde conhece Angel Clare, apaixonam-se e casam-se.

Dentro dos padrões machistas daquela época, podemos observar como Tess foi punida e rejeitada pelo seu esposo Angel, por conta de sua prática sexual antes do casamento. Esse posicionamento se dá no momento da revelação ao seu marido.

- Repito: a mulher que eu amava não és tu.
- Mas quem é?
- Outra mulher que tinha a tua forma.

Percebia nas palavras dele a realização dos seus pressentimentos apreensivos de tempo atrás. Olhava-a como para uma espécie de impostora; uma mulher culpada disfarçada de inocente. O terror mostrou-se no rosto dela, quando o percebeu; suas faces estavam flácidas, a boca tinha quase o aspecto de um

orifício redondo. A sensação horrível que lhe causava a idéia que ele fazia dela tanto a amorteceu que vacilou; e ele adiantou-se, julgando que fosse cair. (HARDY, 1981, p. 261)

Nessa perspectiva, Tess é marginalizada mais uma vez, desta vez, pelo marido por não ser mais uma mulher pura e digna de casamento. No século XIX, a relação sexual antes do casamento era considerada um grande insulto contra os códigos da época, as mulheres eram punidas severamente, mas para os homens era uma prática perdoável. Podemos perceber a diferença entre os sexos, Thomas Hardy é irônico na construção dos personagens, ao nomear o rapaz como “Angel” (anjo), tendo em vista que ele é tão machista quanto qualquer outro homem da época, o jovem teve relações sexuais antes do casamento, mas desaprova quando toma conhecimento do passado de Tess. Desse modo, Angel, incompreensivelmente, não perdoa o ato da esposa.

No decorrer do romance, a decadência da personagem ganha novos rumos ao ser abandonada pelo seu esposo e vai em busca de seu próprio sustento. Atrás de trabalho e perseguida pela sua beleza, dá início à sua trajetória, resolve não correr mais riscos e deixa sua aparência transfigurada:

[...] um dos mais velhos vestidos de campo que nunca usara nem mesmo na queijaria- nunca, desde que trabalhara na colheita em Marlott. Além disso, por uma idéia feliz, tirou um lenço do embrulho e atou-o em torno do rosto, sob o chapéu, cobrindo o queixo e metade das faces têmporas, como se estivesse padecendo de dor de dentes. Depois, com a tesourinha e auxiliada por um espelhinho de bolso, impiedosamente arrancou as sobrancelhas, e assim assegurada contra a admiração agressiva, seguiu o seu caminho desigual. (HARDY, 1981, p. 316)

A literatura nos traz uma variedade de romances que representam mulheres belas como causadoras do pecado dos homens, percebe-se que nesse momento Thomas Hardy enfatiza que Tess não mostra a própria beleza, para proteger a si mesma e não ser acusada de levar os homens ao pecado, pois o homem nunca é considerado errado, mas sempre a mulher. Conforme Zolin (2003a), vários estereótipos são dados às mulheres e um deles se refere à sua beleza, que pode “desviar” os homens, pois, a mulher bela é sempre perigosa e o homem pode ser uma “presa”.

Tess peregrina de campos em campos atrás de emprego, pois enfrenta vários obstáculos neste período de separação. E um deles é no momento em que começa a trabalhar na fazenda do proprietário Groby, que logo é reconhecida pelo seu passado. A jovem camponesa é perseguida pelo fazendeiro em seu trabalho. No entanto, podemos ver Tess sendo marginalizada pelo seu patrão com relação à exploração do trabalho feminino:

- Pois bem... como lhe agrada. Mas vamos ver quem é que manda aqui. São esses todos os feixes que fez hoje?
- Sim, senhor.
- Pois é muito pouco. Veja só o que aquelas ali fizeram. (Apontou para as duas mocetonas). – O resto também fez mais do que você.
- Elas todas praticaram isso antes, e eu não. E eu pensava que isso não tivesse importância para o senhor, já que o trabalho é por tarefa, e só recebemos pelo que fazemos.
- Oh! Importa, sim. Quero ver o celeiro limpo.
- Vou trabalhar a tarde inteira, em vez de sair às duas, como as outras. Ele olhou-a com ar carrancudo e afastou-se. (HARDY, 1981, p. 328)

O trecho acima citado evidencia que Tess é perseguida e punida pelo fazendeiro pelo conhecimento de seu passado, por isso o tratamento é diferenciado das outras moças. A mulher que é pecadora sempre será mal vista pela sociedade patriarcal. É notável como a mulher não pode ser “perdoada”, enquanto os pecados dos homens são considerados “coisas de homens”. À mulher, pouca coisa é permitida.

Passa um ano de seu triste casamento, Tess se correspondia através de cartas e nenhuma notícia de seu marido. Angel Clare, antes de partir, disse-lhe que qualquer dificuldade que tivesse que procurasse a família dele para pedir ajuda. Tess resolveu procurá-los, mas no momento de sua caminhada e com destino à família cristã, escuta uma conversa entre seus cunhados sobre a péssima escolha do irmão. Vemos que Tess foi marginalizada também pela própria família do rapaz por ser uma simples empregada:

- Pobre Angel, pobre Angel! Nunca vejo aquela bela moça sem que mais e mais lamente a sua precipitação, lançando-se sobre uma empregada de queijaria ou seja ela o que for. Ao que parece um caso esquisito. Se ela já foi ou não juntar-se a ele eu não sei; mas não tinha feito isso há alguns meses, quando tive notícias dele. (HARDY, 1981, p. 337)

Neste contratempo, a jovem retoma penosamente a caminhada pela qual tinha vindo. Em lágrimas, não tinha esperança, mas convicta de que estava passando por um momento crítico da sua vida. Não lhe restava nada a fazer, senão continuar naquela fazenda miserável, passando fome e sendo explorada. Podemos ver que o jovem Angel é um coitado, uma vítima apenas porque é homem. A família do rapaz acha que ele comete um erro ao se casar com essa moça, mas ao errar vira um coitado. A jovem, ao cometer um erro, vira uma mulher imoral, ou seja, o erro do homem é sempre perdoado.

Durante sua caminhada, surge o reencontro e a reaproximação de Alec D’Urberville, o jovem galanteador, agora pastor, dizia-se “convertido” ao cristianismo e pedindo-lhe perdão. D’Urberville descobre que Tess está casada, uma esposa abandonada por causa dele, que estava

mal empregada e passando por dificuldades. Alec D’Urberville persegue Tess durante toda a temporada na fazenda.

Ao reencontrá-la fraqueja, abandona suas pregações e sua fé. O ex-evangelizador atormenta Tess até seu último momento na fazenda. Antes de a jovem terminar seu contrato na fazenda, sua irmã Lisa-Lu aparece pedindo-lhe ajuda, dizendo que sua mãe está doente e Tess imediatamente retorna para a casa de seus pais. Logo depois, seu pai morre, sua mãe e seus irmãos são despejados. Em consequência disso, passando por necessidade e sua família precisando de ajuda, foi obrigada a submeter-se aos desejos de Alec D’Urberville. Desse modo, a moralidade vitoriana é falsa, ela só existe quando é julgada pelos outros, mas quando traz benefícios ou quando trata-se de dinheiro, tudo é perdoado.

Após um ano de viagem, Angel Clare regressa a casa dos pais, recebe e lê as cartas enviadas por Tess pedindo-lhe que voltasse e a salvasse do que lhe ameaçava. Clare decide procurá-la imediatamente em busca de perdão.

Então, surge, finalmente o reencontro de Angel e Tess na Casa das Garças, uma hospedaria muito chique longe de Marlott. A jovem apareceu com sua beleza natural, não como criada, realçada pelas suas vestes, Angel estendeu-lhe os braços, mas a jovem permaneceu quieta.

- Tess!- disse, roucamente, -podes perdoar-me por ter ido embora? Podes...voltar pra mim? Como é que estás...assim?
- É tarde demais- respondeu ela, a voz ecoando dura pela sala, os olhos com um brilho que não era natural.
- Não te julguei acertadamente...não te vi como eras! – prosseguiu ele a dizer.
- Aprendi a ver-te desde então, minha queridinha Tess!
- Tarde demais, tarde demais!- disse ela, agitando a mão com a impaciência de uma pessoa, cujas torturas fazem cada instante parecer uma hora. – Não chegue perto de mim, Angel! Não...não deve fazê-lo. Fique Longe. (HARDY, 1981, p. 421)

Tess conta-lhe o que aconteceu durante esse ano, que D’Urberville foi muito bom com ela, com a sua família depois da morte de seu pai. Depois da revelação Angel vai embora consternado, caminhando pelo mesmo destino que tinha vindo.

Então, Tess vai até seu quarto lamentando pela volta de Angel Clare e culpa Alec D’Urberville afirmando que ele a usou de uma forma cruel, dizendo que seu marido nunca voltaria e que o perdeu para sempre novamente por causa dele. Desesperada comete o homicídio matando seu “amante” com uma faca.

O alarma foi dado sem demora e a casa, que ultimamente fora tão tranquila, ressoou com o tropel de muitas passadas, havendo um cirurgião entre os

demais. A ferida era pequena, mas a ponta da lâmina tocara o coração da vítima, que jazia de costas, pálido, rígido, morto, como se mal se tivesse movido depois da aplicação do golpe. Num quarto de hora, a notícia de que um cavaleiro, que era visitante temporário da cidade, tinha sido apunhalado em sua cama, espalhou-se por todas as ruas e vilas do popular balneário (HARDY, 1981, p. 426)

Ao tirar a vida de Alec D’Urberville, a jovem foge em busca de Angel Clare, onde o encontra na estação e com um sorriso pálido diz que matou Alec, que temia fazer isso há muito tempo e “que pudesse fazer isso um dia, por causa da armadilha que me preparou, na minha juventude simples, e do mal que te fez por meu intermédio”. (HARDY, 1981, p. 428)

Assim, diante deste conflito, os dois percorrem várias milhas, evitando estradas e percorrendo caminhos obscuros, para que ninguém os encontrasse, Angel tinha certeza que estavam sendo procurados nos portos de Wessex e depois de muito caminharem, decidem parar para descansar no Templo dos Ventos. Ao descansar, Clare escuta algo atrás e a roçar os pés:

O clarão da aurora brilhava em cheio diante do homem que vinha do oeste e Clare pôde perceber por isso que era alto e marchava a passo militar. Tinham todos cercado o lugar com evidente propósito. A história que ela contara era verdadeira! Pondo-se de pé, num salto, olhou em torno à procura de uma arma, pedra solta, meio de fugir, o que fosse. A essa altura, o homem mais próximo estava perto dele.

- Não adianta, cavaleiro- disse ele. – Nós somos dezesseis nesta Planície e toda região está cercada. (HARDY, 1981, p. 439)

No entanto, Tess foi presa e posteriormente condenada à morte, assim eram punidas as pessoas que cometiam homicídios naquela época. Podemos ver que a força era um dos registros forte e predominante, assim como mostra como aconteceu com a protagonista no final do romance:

Sobre a cornija da torre, um grande mastro estava fixado. Os olhos de ambos concentravam-se nele. Uns minutos depois que tinha dado a hora, algo moveu-se lentamente pelo mastro acima se abriu tocado pela brisa. Era uma bandeira preta.

A justiça havia sido feita, e o presidente dos Imortais, para refletir a frase de Ésquilo, havia terminado seu jogo com Tess. (HARDY, 1981, p. 442)

Desse modo, Angel Clare e Lisa-Lu assistem a morte de Tess como dois espectadores, absolutamente imóveis. No final do romance, esta passagem não mostra um “final feliz” como vemos nos romances e sim um final trágico e triste. Angel arrependeu-se e decidiu pedir perdão, mas foi tarde demais. O autor é irônico e nos mostra o fato de Angel ter sido machista e agido conforme o pensamento patriarcal, o que encaminhou Tess para esse fim trágico.

Portanto, Thomas Hardy nos mostra nesta obra como a mulher, que se submetia aos prazeres carnavais antes do matrimônio no século XIX, era marginalizada enfrentando os obstáculos e regras que lhes eram impostas por ter fugido dos padrões e valores de uma sociedade patriarcal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inicialmente neste artigo foi feita uma revisão bibliográfica e contextualização histórica da Era Vitoriana. O movimento feminista, feminismo literário e Crítica literária Feminista, foram apresentados para serem usados como ferramenta de análise, deste modo, o objetivo do presente artigo foi demonstrar a marginalização da protagonista feminina dentro da obra Tess, de Thomas Hardy, inserida na Era Vitoriana. Aspectos que contribuíram para a repressão da personagem na sociedade foram revelados, analisando as imposições feitas a ela pelo sexo oposto representados pelos personagens Alec D'Urberville e Angel Clare.

A partir da análise, foi possível alcançar o objetivo proposto neste trabalho, pois notou-se que a personagem abordada é marginalizada pela sociedade patriarcal e as regras sociais que eram impostas, pois mesmo sendo honesta, trabalhando muito, sendo boa filha ela é “punida” cruelmente pela sociedade. Numa visão fatalista, Tess é presa e morre enforcada no final do romance acompanhada do comentário irônico do narrador que a “justiça foi cumprida”.

É inevitável não observar a falsa moralidade da sociedade presente na obra, representada pela família de Tess, pertencente à classe baixa, que não se importa que a filha tenha sido possivelmente violentada, mas se ofendem pelo fato de que a filha não obteve um casamento vantajoso; assim também como a falsa moralidade de Angel Clare que a pune, mesmo não sendo um rapaz casto, pois o seu machismo julga severamente a jovem. Isto implica no duro julgamento social que induzia as mulheres a estas situações extremas de opressão que as levavam ao suicídio, aborto e homicídio durante o século XIX na Inglaterra.

Contudo, esta produção de Thomas Hardy demonstra claramente a ironia do autor que permeia toda a obra para ressaltar o quanto a moralidade vitoriana era falsa e escondia situações de “imoralidade” que somente eram permitidas aos jovens ricos como Alec D'Urberville. Tess precisou morar em outro local para não ser julgada e esconder seu passado e nem mesmo assim escapou dos tormentos da marginalização e culpa que afligia a si mesma. Portanto, este trabalho demonstrou o quanto a mulher era marginalizada e submissa ao poder patriarcal na sociedade do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 1. Fatos e Mitos. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980a.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 2. A experiência vivida. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980b.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. 2. ed. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2002.

CARTER, Ronald. MCRAE, John. **The Penguin Guide To Literature In English**. Editora: Penguin English.2001.

FRIEDAN, Betty. **The Feminine Mystique**. (1963) London: Penguin Modern Classics, 2010.

FLORES, Élio Chaves. VASCONCELOS, Íris Helena Guedes de. **A Era Vitoriana: A duração de um reinado**. São Paulo: FTD, 2000.

HARDY, Thomas. **The Works of Thomas Hardy**: with an Introduction and Biography. Wordsworth Editions: Poetry Library.1994.

HARDY, Thomas. **Tess**. Tradução de Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

LONGMAN. **Dicionário escolar. Inglês-Português. Português-Inglês**. 2.ed. Pearson Education Limited, 2009.

MICHEL, André. **O Feminismo**: Uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

ZOLIN, Lúcia Ozana. “Crítica Feminista”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (orgs). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a. pp.161-182.

ZOLIN, Lúcia Ozana. “Literatura de autoria feminina”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (orgs). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b. pp. 253-260.

WOOLF, Virginia. **Profissões para Mulheres e outros artigos Feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Women** (1792). New York: Dover Thrift Editions, 1996.